



## INFÂNCIA E CULTURA MIDIÁTICA CONTEMPORÂNEA: OS HERÓIS E AS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL

Evandro Salvador Alves de Oliveira  
Universidade do Minho/Portugal  
CIEC/GEIJC/GEPETTES/NEPEM

António Camilo Cunha  
Universidade do Minho/Portugal  
CIEC

### Resumo

As culturas infantis e os novos modos de brincar das crianças têm sido subsidiadas pela forte presença da cultura midiática. Na busca de compreender e aprofundar sobre o universo infantil, o presente trabalho tem como objetivo compreender como personagens da mídia se fazem presentes nas brincadeiras e modos de ser das crianças, e analisar as expressões que ocorrem nas atividades lúdicas que realizam na escola durante suas rotinas e nas aulas de Educação Física. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, inspirada na etnografia, com observações participante desenvolvidas com crianças entre 04 e 05 anos em um Jardim de Infância localizado de Mineiros, Goiás. Na cultura contemporânea, as crianças têm desenhado novas e diferentes maneiras de brincar, movimentar, dialogar, agir e relacionar com o outro em suas reproduções interpretativas. Nesses processos, elementos da mídia aparecem e atravessam a vida das crianças por meio de diferentes meios e ferramentas tecnológicas que atualmente encontram-se disponíveis, de maneira quase onipresente, em diversas cantos do Brasil, e por porventura em praticamente todas as regiões do planeta. Este fato parece colocar em causa o lugar da experiência – enquanto manifestação do *corpo-mesmo* (*um interno*) e que não esquece a tradição, a cultura e a memória, trazendo aqui o pensamento de Walter Benjamin - em que o *presente* se caracteriza como um fenômeno forte, que apaga o passado e o futuro, de modo a conceder sempre um presente interminável.

**Palavras-chave:** Crianças. Personagens midiáticas. Escola.

### Introdução

O universo infantil, por ser um campo de conhecimento que ainda se encontra em plena emergência no campo da sociologia, importante eixo na área da educação, representa o enfoque desta pesquisa, cujo foco é discutir a criança imersa na cultura



contemporânea e suas relações com a cultura midiática. No entanto, a infância a qual nos referimos não é aquela de muito tempos atrás, como as do século vinte, em que era possível encontrar crianças que brincavam com brinquedos não comuns atualmente, como soldadinhos de chumbo, bonecas e animais de madeira entalhada, tal como Benjamin (1985) nos apresenta ao expor a história cultural do brinquedo.

Em nosso cotidiano, sobretudo nesta investigação, tratamos de apresentar e debruçar o estudo sobre uma infância marcada, notadamente e fortemente, por uma cultura permeada por signos imagéticos, televisivos, virtuais e digitais, com os quais as crianças da segunda década do século vinte e um convivem. Meninos e meninas, pequenos, que constroem relações com adultos e entre os pares num contexto social atravessado pelas mídias eletrônicas e tecnologias digitais, bem diferente das crianças do século passado. Vivenciamos uma era de convergência midiática e tecnológica, denominado por alguns teóricos como “Idade Mídia”, a título de ilustração Rubim (2000), Mill (2006), Jobim e Souza e Salgado (2009) e Sayad (2011), que contribui para que subjetividades sejam produzidas e analisadas no terreno tenso e fértil da infância.

Com a francesa Sirota (2001), pesquisadora do campo da sociologia, vemos que a infância é definida como um período de crescimento que representa o tempo de vida próprio da educação e da instrução. Para a autora, “a infância é suficientemente frágil para que deva ser educada e suficientemente móvel para poder sê-lo” (SIROTA, 2001, p. 9). De tal modo, para Sirota a criança é um ser futuro que está em constante devir. Ela, a infância, apresenta ao educador não um ser formado e pronto, tampouco uma obra realizada e um produto acabado, mas um devir, um começo de ser, sobretudo uma pessoa em vias de formação.

Assim, quando investigamos o brincar de crianças em uma Escola de Educação Infantil numa região do Brasil, preocupados em perceber como os heróis da mídia se manifestam nas brincadeiras das crianças, procuramos observar a composição do universo infantil, seus modos de agir, seus discursos, expressões e suas culturas lúdicas.



Nesse sentido, personagens que se destacam na mídia, sobretudo heróis de desenhos animados, filmes de ação, do mundo virtual e de jogos eletrônicos, são tomados como referências pelas crianças que convivem na cultura contemporânea. Ao interagir com estes, elas constroem novas maneiras de brincar, diferentes modos de jogar e competir que são manifestados na escola, nas interações com o outro, que nos interessa aprofundar para compreender esses fenômenos.

Nesta direção, este projeto de investigação, em nível de doutorado, se refere a uma pesquisa “com” pessoas, crianças pequeninas (entre 4 e 5 anos), e não “sobre” pessoas/crianças. Nesta direção, buscamos compreender algumas questões do universo infantil, cujo foco são crianças inseridas em contextos educativos emergentes, como nas aulas de Educação Física, bem como os espaços que frequentam durante os períodos em que estão na instituição educativa.

Pesquisar a infância, com a criança, observá-las e estabelecer diálogos com elas em suas interações, é um fenômeno que permite analisar as vozes que ecoam e aquelas que ressoam em seus discursos, além de suas ações. Isso possibilita, assim, um aprofundamento científico ao analisar o que é vivido no processo etnográfico, observação participante e nos processos de intervenção, estratégias metodológicas utilizados na investigação, no qual a palavra da criança também expressa o valor que o trabalho apresenta.

A fundamentação teórica parte dos seguintes aportes teóricos: a teoria da enunciação, para compreender processos discursivos que emergem na investigação, por meio do dialogismo e alteridade; a sociologia da infância, em que a criança é considerada protagonista e ator, que possui vez e voz; o jogo, brincar e cultura lúdica, para compreender o brincar para além das culturas infantis; e as relações entre infância, expressões motoras, imaginação e mídia, que possibilitam ampliar o debate a tomar emprestadas análises críticas sobre as implicações entre estes.

### **Uma breve análise sobre os estudos da sociologia da infância**

Pesquisar com as crianças e analisar como tem se constituído suas relações com o brincar, considerando atentamente suas expressões motoras, e verificar como

acontecem as interações que estabelecem entre si, a partir dos produtos, objetos e discursos de mídia dos quais elas se apropriam, implica em assumir, também, a abordagem dialógica como importante postura metodológica. Por esta razão um caderno de campo tem sido construídos para o registro dos fenômenos que compõem processos discursivos.

É fato que na sociedade contemporânea habituamo-nos em um contexto circunscrito pela cultura do capitalismo global, que também pode ser denominado “Idade Mídia”, na qual a criança estabelece relação desde a mais tenra idade com recursos midiáticos que estão presentes no mundo das tecnologias digitais. Como afirmam, por exemplo, Fernandes e Oswald (2009), estamos diante de novos sujeitos culturais, cujos modos de ler o mundo, e de nele interferir, são mediados pelas sensibilidades desenvolvidas na relação que estabelecem com os artefatos midiáticos.

Nesse sentido, percebemos que os sujeitos aos quais Fernandes e Oswald (2009) se referem estão em processo de transformação no sentido de modificação das culturas, das interfaces, dos relacionamentos, pois com a abrangência e inter-relação com tais elementos midiáticos, sobretudo a televisão, outras oportunidades de vivências diferentes se oferecem, as quais contribuem para as mudanças a que nos referimos e pretendemos explorar.

No decorrer do dia-a-dia escolar, observamos que muitas crianças gostam de reproduzir brincadeiras “violentas”, como “lutinhas”, tiros com arma de brinquedo, ou imitar algum herói de desenho animado ou filme de ação. São reproduções das cenas que fazem parte de seus cotidianos, que trazem reflexos da cultura midiática. Podemos fazer uma análise e perceber que a criança não é um sujeito que apenas absorve aquilo que é lhe imposto, ela também é um ser pensante, que possui opiniões e constrói conhecimento, adquire experiência e, por isso, deve ser compreendida como tal.

Portanto, compreender a infância contemporânea não implica apenas em criticar as maneiras como as crianças se comportam a partir da relação estabelecida com os conteúdos midiáticos, mas refletir sobre a maneira como as educamos perante essa perspectiva.



A sociologia da infância, em estudos recentes, situa a infância no centro das reflexões das Ciências Sociais, como destaca Sarmiento (2009). Na perspectiva do autor, esta área do conhecimento desenvolve-se contemporaneamente por uma necessidade de compreender o que hoje se considera como uma importante questão paradoxal, ou seja, as crianças de hoje, como nunca, foram objetos de tantas atenções e cuidados. Portanto, esse campo de conhecimento insere-se decisivamente na construção da reflexividade contemporânea sobre a realidade social (Sarmiento, 2009), e que tanto nos interessa.

No âmbito das pesquisas com crianças nas ciências humanas e sociais, Corsaro (2011) discute que até a década de 1960 os historiadores praticamente ignoraram as crianças em suas pesquisas. Somente a partir de 1962, essa temática obteve maiores aprofundamentos, quando Philippe Ariès<sup>1</sup> (1962) inaugurou o debate sobre o processo histórico de constituição da concepção de infância. No entanto, os primeiros trabalhos que surgiram, seguidos aos estudos de Ariès, preocupavam-se com concepções adultas de infância, e não com a vida infantil.

Isto posto, neste trabalho chamamos a atenção para pensar na infância para além de uma categoria estrutural na sociedade. As pesquisas com crianças, hoje, ganham visibilidade porque hoje o adulto dá voz, vez e espaço à elas, sendo que há tempos atrás praticamente tal fato não existia. A infância hoje é compreendida pela sociologia da infância como uma categoria na sociedade, constituída por sujeitos que pensam, opinam, posicionam-se e intervêm no mundo, sobretudo no campo da vida social.

Buckingham (2007), pesquisador que em sua tese de doutorado investigou a relação das crianças com as mídias eletrônicas, no Reino Unido, parte de uma visão que analisa sujeitos que crescem na era da cultura virtual e digital, nem que os modos de brincar vêm sofrendo mudanças em função do livre acesso que as mídias causam. Logo, essas possíveis transformações implicam em mudanças culturais da infância que não podemos deixar de observar e explorar a partir de uma visão crítica e interpretativa. Nessa direção, ao discutir a infância e possíveis modificações a

---

<sup>1</sup> Ariès inaugurou o debate sobre o surgimento do sentimento da infância, bem como sua consideração na sociedade ocidental. Para maior aprofundamento desta questão, ver Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC.

respeito de sua natureza transitória, o autor ressalta a quantidade de respostas diferentes que se pode obter ao questionar quando termina a infância e começa a adolescência.

Partindo do pressuposto de que não podemos falar sobre as crianças enquanto uma categoria homogênea, de acordo com Buckingham (2007, p. 94), “o que a infância significa e como ela é vivida obviamente dependem de outros fatores sociais, tais como gênero, etnia, classe social, localização geográfica, entre outros aspectos”. Com relação à constituição da identidade infantil, para ele, “atribui-se às mídias um superpoder capaz de governar comportamentos, moldar atitudes, construir e definir a identidade das crianças” (BUCKINGHAM, 2007, p. 209). E as personagens que se destacam na mídia, com os quais as crianças interagem constantemente, são as figuras midiáticas que contribuem para a construção de novos comportamentos, modos de ser, brincar e agir.

### **Estratégias metodológicas na pesquisa com crianças**

A investigação que apresentamos aqui segue os princípios da abordagem qualitativa e tem como principal fundamentação teórica a teoria da enunciação de Bakhtin (1992; 1995; 1998); a sociologia da infância com Belloni (2009), Corsaro (2001), Prout (2010) e Sarmiento (1997; 2005; 2009); o jogo, brincar e cultura lúdica em Brougère (2002; 2010); Kishimoto (2011); Neto (1997), Camilo Cunha (2011; 2013), Camilo Cunha e Gonçalves (2015) e Pereira & Neto (1997); e as relações entre infância, imaginação e mídias, com Sarlo (2006), Hall (2006), Salgado (2005), Pereira (2012), Silva (2015), Santaella (2003), Buckingham (2007), entre outros autores.

A respeito do contato com as crianças na escola de Educação Infantil, destacamos que esses aconteceram uma vez na semana, às terças-feiras, no período da manhã, durante o ano de 2016, nas aulas de Educação Física. Treze crianças participaram de observações participante no contexto da pesquisa. Elas aceitaram a participar da pesquisa mediante convite prévio, junto com seus responsáveis.

Inicialmente, como as crianças não poderiam ser identificadas pelos seus nomes reais, elas participaram de uma oficina lúdica, onde puderam escolher um



pseudônimo. Com a realização desta obtemos os seguintes nomes, alguns advindos da esfera midiática, com as quais se identificam: Gata, Leão, Onça, Jiraia, Leonardo (Tartaruga Ninja), Tigre, Lupita (atriz de novela), Manuela (atriz de novela), Eliza (atriz de novela), Elsa (Frozen), Tinker Bell, Cavalo e Batman.

Dentre os encontros realizados, momentos em que o caderno de campo foi construído e alimentado com as informações e dados da pesquisa, com detalhamento das ações e fenômenos que aconteceram, entre os grupos de crianças e nas interações que ocorrem com a professora da turma, realizamos, também, algumas oficinas.

As crianças foram provocadas, durante dois momentos distintos, a fazer desenhos sobre as brincadeiras que mais gostam de fazer quando estão em suas casas. No outro momento elas foram convidadas a desenhar aquilo que mais gostam de fazer/brincar na escola. Além dessa oficina, foi realizada outra com o uso de fotografia e máquina fotográfica digital, em que as crianças registraram imagens apontando os ambientes que mais gostam de brincar na escola. Uma terceira oficina foi realizada com o objetivo de trabalhar com recortes e colagens. As crianças escolheram, em panfletos, revistas e jornais, imagens que trazem os brinquedos e objetos que mais gostam de brincar na escola e em suas casas.

O desdobramento desta investigação segue os princípios da abordagem qualitativa porque são os fenômenos (brincadeiras, jogos e diálogos) que são trabalhados e analisados no estudo. A pesquisa tem estratégia metodológica pautada na imersão do cotidiano das crianças, na escola, principalmente nas aulas de Educação Física, assim como datas e eventos comemorativos da escola. Trata-se de uma pesquisa de cunho etnográfico, desenvolvida com crianças da Educação Infantil (Pré-escola/Jardim de Infância), na rede escolar brasileira, mais especificamente no município de Mineiros, Estado de Goiás.

A proposta metodológica, também com caráter de observação participante, tem como principais recursos as oficinas (lúdicas) desenvolvidas com as crianças, já mencionadas, registros por meio de diário de campo e a própria observação. As oficinas foram desenvolvidas a partir dos elementos que as crianças reportaram em suas ações por meio dos diálogos e de suas brincadeiras.



É por meio da relação estabelecida entre pesquisador e criança que ambos contribuem para a construção da própria experiência da criança, tornando-se esse o alvo do processo de pesquisar a infância. Não há como o pesquisador neutralizar-se e se posicionar como ator que não afeta o processo da pesquisa, mas entender-se como aquele de quem depende a continuação do processo, que é marcado por sua presença e por sua ação (CASTRO, 2008).

A pesquisa possui um delineamento do tipo etnográfico em razão das circunstâncias que os objetivos exigem - tempo maior de inserção a campo com os sujeitos para captar preciosidades nos dados e construir um diário de campo enriquecido com detalhes. Os discursos produzidos pelas crianças - as linguagens - serão analisados sob a ótica da teoria bakhtiana (Mikhail Bakhtin), tendo como base os conceitos de dialogismo e alteridade.

Como se trata, também, de uma investigação em que buscamos permanecer um considerável período em campo, a etnografia fornece condições para que o fenômeno seja mais bem observado. Portanto, quanto à escolha da perspectiva etnográfica, Geertz (2008) explica que praticar a etnografia é o mesmo que estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante.

As crianças foram observadas, de modo especial, durante as aulas de Educação Física que acontecem na escola, na Educação Infantil. O recreio e a hora do lanche também foram momentos que observamos para registrar alguns fenômenos interessantes que possuem relações com o tema estudado.

É por meio da relação estabelecida entre pesquisador e criança que ambos contribuem para a construção da própria experiência da criança, tornando-se esse o alvo do processo de pesquisar a infância. Não há como o pesquisador neutralizar-se e se posicionar como ator que não afeta o processo da pesquisa, mas entender-se como aquele de quem depende a continuação do processo, que é marcado por sua presença e por sua ação (CASTRO, 2008).

A observação participante, uma das estratégias metodológicas, ao longo do processo investigativo e do contato com os sujeitos, permitirá que o pesquisador deixe de ocupar a posição de “hóspede”, adquirida no início da inserção a campo, e



se torne um “anfitrião”. Este último é aquele que consegue dominar o contexto em seu entorno e, de certo modo, conduzir as relações envolvendo as crianças num jogo de perguntas e respostas, ou seja, por meio da dialogicidade. Conforme Amorim (2001, p. 26) argumenta, “para que alguma coisa possa se tornar objeto de pesquisa, é preciso torná-la estranha de início para poder retraduzi-la no final: do familiar ao estranho e vice-versa, sucessivamente”.

### **O lugar da experiência: algumas considerações**

Além das oficinas mencionadas no tópico anterior, durante a coleta de dados registramos o acontecimento de um evento comemorativo na escola. Estamos nos referindo ao “dia das crianças”, em que todos os 13 participantes desfilaram para todas as crianças do colégio, cerca de 80, exibindo suas fantasias. A escola de Educação Infantil realizou, durante a semana do dia 12 de outubro, data em que se comemora o dia das crianças, ações diferenciadas, dentre elas um dia de lazer com banho de piscina e desfile de fantasias. Nesse dia observamos como as personagens midiáticas se fizeram presentes, por um lado, nas vestimentas, e por outro, em seus comportamentos e atitudes, inclusive nas brincadeiras que aconteceram naquele dia.

Nesse sentido, ao considerar esses processos, observamos que elementos da mídia aparecem e atravessam a vida das crianças por meio de diferentes meios e instrumentos tecnológicos que atualmente encontram-se disponíveis, de maneira quase onipresente em diversos cantos do Brasil. Destacamos, ainda, que porventura a mídia está em praticamente (quase) todas as regiões do planeta. Este fato parece colocar em causa o lugar da experiência – enquanto manifestação do *corpo-mesmo (um interno)* e que não esquece a tradição, a cultura e a memória, trazendo aqui o pensamento de Walter Benjamin - em que o *presente* se caracteriza como um fenômeno forte, que apaga o passado e o futuro, de modo a conceder sempre um presente interminável.

Na esteira desse pensamento, a criança quando brinca não se preocupa com aquilo que já ocorreu, tampouco com aquilo que está por vir, no amanhã ou depois.



A criança vive o presente, que, para ela, dificilmente não cessa. No presente os elementos simbólicos surgem, são recriados, modificados, reconstruídos e não silenciados. De certa maneira, as personagens da mídia exercem influência nas culturas da infância, em suas maneiras de brincar, dialogar com o outro e no processo de produção de suas subjetividades – questões a serem apresentadas e aprofundadas no trabalho final da tese.

### Referências

- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 4ª ed. São Paulo: Editora UNESP/Hucitec, 1998.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- CASTRO, L. R.; Besset V. L. Pesquisa-intervenção na infância e juventude: construindo caminhos. In: Castro, L. R.; Besset, V. L. (orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FERNANDES, A. H.; Oswald, M. L. M. B. Criança, mídia e produção de narrativas: As relações com a imagem e o pensar. In: Gouvêa, G.; Nunes, M. F. (orgs.) **Crianças, mídias e diálogos**. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- JOBIM e SOUZA, S.; SALGADO, R. G. A criança na idade média: reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 207 – 221.



MILL, D. **Educação a distância e trabalho docente virtual**: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia. Tese de doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

RUBIM, A. C. **A contemporaneidade como idade mídia**. In: Interface \_ Comunicação, Saúde, Educação, v.4, n.7, p. 25-36, 2000.

SARMENTO, M. J.; Gouvea, M. C. S. (orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SAYD, A. L. V. **Idade Mídia**: a comunicação reinventada na escola. São Paulo: Aleph, 2011.